



INSTITUTO DE HUMANIDADES – IH

CURSO DE BACHARELADO EM HUMANIDADES

LEONILDO DAVID TOCO

**Mono yi Mukongo: Um estudo sociológico da imagem caricaturada dos
Bakongos em Angola**

REDENÇÃO

2022

LEONILDO DAVID TOCO

**Mono yi Mukongo: Um estudo sociológico da imagem caricaturada dos
Bakongos em Angola**

Trabalho de Conclusão do Curso em formato de projeto de pesquisa do Curso de Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientador: Prof. Dr. Segone Ndagalila Cossa

REDENÇÃO

2022

LEONILDO DAVID TOCO

**Mono yi Mukongo: Um estudo sociológico da imagem caricaturada dos
Bakongos em Angola**

Aprovada em: ___/___/_____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Segone Ndagalila Cossa (Orientador)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Prof. Dr. Ricardo Ossago De Carvalho (Examinador Interno)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Profa. Dr. Alcides De Amaral (Examinador Externo)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (...)

LISTA DE SIGLAS

FNLA	Frente de Libertação Nacional de Angola
INE	Instituto Nacional De Estatística
MPLA	Movimento Popular de Libertação de Angola
ONU	Organização Das Nações Unidas
PNUD	Programa Das Nações Unidas Para o Desenvolvimento
RDC	República Democrática do Congo
TPA	Televisão Pública De Angola
UNESCO	Organização Das Nações Unidas Para a Educação, a Ciência e a Cultura
UNITA	União Nacional Para Independência Total de Angola

Sumário

1- APRESENTAÇÃO.....	7
2- JUSTIFICATIVA	11
3- PROBLEMA DA PESQUISA.....	12
4- OBJETIVOS DA PESQUISA	13
4.1- Geral:	13
4.2- Especifico:.....	13
5- FUDAMENTAÇÃO TEORICA	14
5.1- Os Bakongos.....	14
5.2 Breve história dos bakongos	17
5.3 Dispersão geográfica dos Bakongos.....	18
5.4 Cabinda	19
5.5 Zaíre.....	20
5.6 Uíge.....	20
5.7 Imagem caricaturada dos Bakongos em Angola.....	21
5.8 A luta de libertação e o lugar dos Bakongos.....	22
5.9 Origem da FNLA.....	23
6 METODOLOGIA.....	24
7- REFERENCIAIS.....	27

1- APRESENTAÇÃO

Angola é um dos países que faz parte do continente africano, foi colonizado pelos Portugueses, alcançou a sua independência em 11 de Novembro de 1975, por meio de uma lutar armada liderada pelos três movimentos de libertação: Movimento Popular De Libertação De Angola (MPLA), Frente Nacional De Libertação De Angola (FNLA) e a União Nacional Para a Independência Total De Angola (UNITA) que surgiu mais tarde Segundo Silva (2018, p. 2).” Sendo que o governo ficou sobre tutela do MPLA” (ZAU, 2002, p. 49).

Angola está situado na parte sul da África, ao norte faz fronteira com a República Democrática do Congo (RDC), ao este com a Zâmbia, ao sul faz fronteira com a República da Namíbia e ao oeste é banhado pelo oceano atlântico. Com 18 províncias a destacar: Cabinda, Zaire, Uíge, Bengo, Kwanza Norte, Kwanza Sul, Benguela, Luanda, Malanje, Kuando Kubango, Huambo, Lunda Norte, Lunda Sul, Moxico, Namibe, Huíla, Bié e Cunene. Angola possui uma dimensão territorial de 1.247.000 km², é um país com diversos grupos étnicos, multilinguístico e multicultural.

Com diversas variedades em fauna e flora, Angola tem a palanca Negra Gigante como um animal de espécie rara e em extinção, que se encontra na província de Malanje e que representa a seleção nacional, além disso, tem a Welwitschia Mira bília também como um dos cartões postais da flora em Angola, sendo esta uma planta que sobrevive no meio do deserto e, por conta disso, tem atraído muitos turistas na província do Namibe.

Segundo os resultados preliminares do Recenseamento Geral e habitacional denominado “censo”, realizado entre 16 e 31 de Maio de 2014 pelo Instituto Nacional De Estatística (INE), “a capital do país, Luanda, concentra a maior densidade populacional em todo o território nacional (27%), em seguida surgem as províncias da Huíla 10%, Benguela e Huambo com 8%, Cuanza Sul 7%, Bié e Uíge com 6%. Por outro lado, a província do Bengo apresentou o menor número de população com apenas 1%” (INE, 2014, p.27).

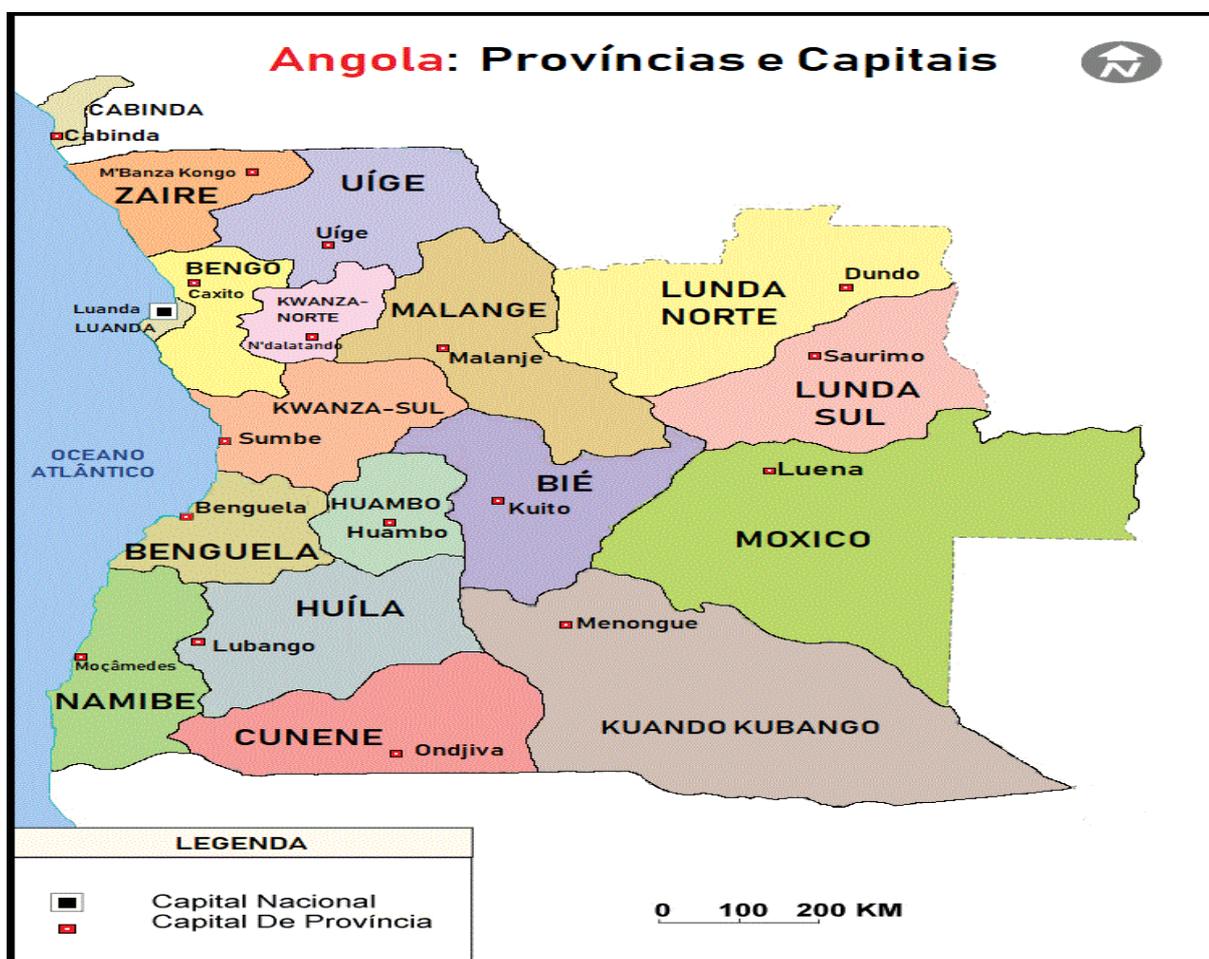
O país tem como língua oficial português que é falado em quase todo território nacional. Lembrando que além da língua portuguesa Angola, possui outras línguas faladas em diferentes regiões do seu território proveniente dos diferentes grupos étnicos

que constituem Angola. Línguas como: Kimbundo, Tchokwe, Umbundo, Mbundo, Kwanyama, Nhaneca, Fiote, Nganguela e o Kikongo. O Kimbundo¹ por sua vez, é a língua falada pelo grupo etnolinguístico Ambundos, e é considerado como a segunda língua mais falada em Angola.

Angola é um país rico em recursos naturais e minerais como: diamante, ouro, petróleo, café, peixe, entre outros recursos naturais e minerais. Além disso, possui uma fauna e flora como parte de sua riqueza natural e tem como principal fonte da sua economia o petróleo, a pesca e a agropecuária (GOMES, 2013, p.15). “O turismo também é uma fonte de renda que tem dado sustentabilidade à economia angolana, porém, foi muito afetada pela pandemia do COVID 19”. “Pandemia essa que afetou, de um modo geral, toda a economia do país” (ANTÓNIO, 2022, p. 5)

¹ Paiva (2015, p.8) apud Teresa Gomes O Kimbundu é a segunda língua nacional mais falada por cerca da quarta parte da população, no eixo Luanda-malanje e no Kwanza. É uma língua com grande relevância, por ser a língua da capital do antigo Reino do Ndongo, por ordem de sua importância numérica são o umbundu, o kimbundu, o kikongo, o côwe, o ganguela e o cuanjama. Estas línguas ocupam um certo espaço em documentos oficiais e na educação, entretanto estima-se que cerca de 40 línguas nacionais são faladas em Angolas e não é incomum encontrar crianças falando 3 línguas nacionais além do português.

Mapa. 1 Território de Angola e suas respectivas províncias



Fonte: <https://www.consulatgeneralangola-paris.org/angola.php>

Ainda de acordo com o censo realizado em 2014 “a população angolana, na época era de 24, 3 milhões de habitante, sendo que a mulher representava o maior número de habitante.” (INE, 2014, p.7). “O censo de 2014 foi o primeiro realizado após a independência. O último, foi realizado antes da independência do país, propriamente no ano de 1970.”

Conforme mostra o parágrafo acima, até ao momento foram realizados somente dois censos em todo o território Angolano. Sendo que o primeiro foi realizado quando o país ainda estava sobre o domínio da colônia dos portugueses, enquanto o segundo, após a independência.

Após a independência de 1975, foram registados acontecimentos tais como variações de aumento e baixo número de crescimento populacional em praticamente todo território nacional.

Segundo Zau (2002), “o relatório da PNUD realizado em 1999, entre os 174 países sobre o índice de desenvolvimento humano Angola ocupava o 160 lugar, confirmando a taxa de crescimento nos últimos anos”. Na mesma esteira de pensamento Oliveira (2012) “apresenta que Angola, em 2011, registou um baixo número de índice de desenvolvimento humano, chegando a ocupar a 148ª posição no mundo.”

Sobre alfabetização, importa mencionar que Angola tem a maior parte da sua população afastada do sistema educativo, sendo que na época, na África subsaariana era um dos países com mais elevadas taxas de analfabetismo literal e de subdescolarização (MINISTERIO DA EDUCAÇÃO, 2005, p. 4).

O Ministério da Educação (2005) “admite que o elevado número de analfabetismo é um dos desafios que Angola enfrenta e que uma boa parte das mulheres analfabetas encaram muitas dificuldades no bem-estar de suas famílias e enfrentam várias barreiras na ascensão socioeconômica.”

Em termos culturais Angola apresenta uma diversidade étnico-linguística muito rica. Angola tem alguns grupos etno-linguísticos como: Ovambo, Hétero, Xindonga, Ganguela, Ovimbundu, Nhaneca- Humbe, Bakongo, Ambundu e Chokwe. As regiões Sul e Centro são compostas por três grupos étnicos, e o Norte por apenas um grupo. No entanto, estes são os grupos étnicos que constituem o território angolano, sendo que maioritariamente deles provenientes dos povos Bantu. Os bantu, foram povos agricultores provenientes de outras partes do continente Africano, que foram se instalando em diferentes zonas de África, especificamente no território angolano.

Conforme Zau (2002):

Os Bantu, vindos da região dos camarões, progrediram lentamente pela África Central, Oriental e Austral. A migração destes primeiros agricultores, no espaço de Angola, tomou três direcções a saber: pelo norte, descendo os rios e a costa, atravessando o Baixo Zaire; pelo oriente e pelo nordeste, ao longo do Zambeze e ao planalto do Catanga e, finalmente, pelo sul desde a norte do Calahari até às terras de sudoeste de Angola. Esta movimentação decorreu ao longo de muitos séculos,

acabando por ir dando corpo às diferentes etnias que se distribuem pelo território. (ZAU, 2002, p. 38)



Fonte: <https://kadila.net.br/linguas-de-angola/>

2- JUSTIFICATIVA

O interesse pelo tema aqui exposto, é de caráter pessoal. Por se tratar de um fenômeno notado em Angola, surgiu a preocupação de estudá-lo, a partir de uma lente sociológica. Termos pejorativos para designar a cultura e o grupo étnico Bakongo levaram-me a investigar o fenômeno e, sendo eu mukongo, escolhi o tema como forma de trazer um contraponto nativo (ponto de vista nativo).

Sabe-se que durante os tempos passados a luta pela dominação de território entre grupos étnicos de Angola foi necessário para a ocupação de territórios, tudo isso muito

antes da chegada do colono Português. Por conta disso, os grupos étnicos foram se tornando inimigos tudo pela luta da geográfica do território Angolano. Segundo Da Silva (2018) “temos o período da guerra civil em Angola, marcada pelos três movimentos de libertação nacional, MPLA, UNITA e a FNLA, que estavam espalhadas em diferentes pontos do território Angolano.” No caso da FNLA, ocupou a parte norte de Angola, a UNITA, ocupou a parte sul, já o MPLA esteve no centro do país.

Por conta disso, a segregação social, cultural e histórica foi criada entre os três movimentos de libertação de Angola, os movimentos dividiram o território angolano em três partes e tomaram conta dos respectivos povos ou grupos étnicos na qual os mesmos faziam parte. Neste aspeto, a imagem caricaturada dos Bakongos afetou nas escolhas étnicas do território Angolano, sendo que não se podia mais estar com uma pessoa pertencente a uma outra etnia ou região de Angola, era logo conotado como inimigo, independentemente da sua localidade.

Consequentemente, este trabalho visa aprovisionar questões ligadas ao tema apresentado e contribuir de forma epistemológica como a imagem dos Bakongos é inserida dentro da sociedade Angolana. E esperar que o presente trabalho sirva de interesse para diversas pesquisas voltadas nas questões étnicas de outros países.

3- PROBLEMA DA PESQUISA

O presente trabalho é um estudo sociológico da imagem caricaturada do grupo étnico Bakongo em Angola. Com o trabalho foca-se a malha complexa de sentidos e significados costurados em torno da imagem dos Bakongos. Destarte, busca-se compreender como a imagem dos Bakongos foi construída ao longo da nossa história contemporânea (falo na qualidade de pesquisador e angolano).

Em músicas de vários artistas contemporâneos, como é o caso de Yannick Afro-Man, um famoso Rapper Angolano, os Bakongos ressurgem como um grupo étnico importante a partir de um discurso de valorização do sentimento de pertença Bakongo. E ideias estereotipadas como “Bakongos são nocivamente ambiciosos”, são respondidas com afirmações como “negócio é conosco, nós gostamos de kumbu” (Yannick 1:29).

Assim sendo, indagamos o seguinte: a construção da imagem do Bakongo como o outro, na relação intercultural, com os demais grupos étnicos angolanos, retrata uma estratégia política e sociológica de não reconhecimento da importância histórica e social desse grupo étnico?

4- OBJETIVOS DA PESQUISA

4.1- Geral:

Compreender sociologicamente a construção da imagem dos Bakongos ao longo da história contemporânea de Angola.

4.2- Especifico:

Destacar a forma que o grupo étnico Bakongo é descrito no interior do território angolano;

Descrever as variáveis sociológicas acionadas na construção da imagem estereotipada dos Bakongos em Angola.

5- FUDAMENTAÇÃO TEORICA

A associação da figura dos Bakongos a imagens pejorativas e preconceituosa é visível e lamentável dentro da sociedade angolana, “visto que somos um povo e uma só nação”. Os discursos dirigidos para os Bakongos são mais ofensivos do que defensivo no seio de pessoas pertencente a outras zonas geográfica de Angola, com mais destaque nos luandendesses, que mais têm reproduzido discursos de depreciativo dos Bakongos. Sendo assim iremos estabelecer os pontos das causas e razões que levam a associação dos Bakongos a má imagem e consequentemente o impacto que ela tem criado no seio da população angolana.

5.1- Os Bakongos

O presente projeto é produto de leitura e revisão bibliográfica do grupo étnico Bakongo em Angola. Com este busca-se compreender a forma como os Bakongos são vistos. Com efeito, buscar-se-á compreender como o estigma e imagens caricaturadas sobre os Bakongo em Angola operam em processos de discriminação e exclusão social. Segundo CALDAS (2019, p.10).

A imagem associada aos Bakongos, como feiticeiros e estrangeiros, é um dos pontos que tem criado um clima de tensão entre os Angolanos.²

Segundo Pereira (2013) “os Bakongos, estão situados na parte norte de Angola, nomeadamente na província de Cabinda, Zaire e Uíge. São o terceiro maior grupo étnico do território Angolano. Provenientes do troco bantu, têm suas origens em diversas regiões do continente africano, propriamente, na costa atlântica da África, desde ao sul do Gabão, República do Congo, Congo Brazaville.” Atualmente, alguns intelectuais angolanos, como é o caso de Patrício Batsikama³, apontam que os bakongos residem, maioritariamente, no território Angolano.

Os territórios dos Bakongos, é caracterizado por uma vasta terra rica em recurso naturais e mineiras. A província de Cabinda, por exemplo, tem a maior produção de

² A musica do cantor e rap Angolano Yannick Afroman, que tem como título “Bakongo” mostra a imagem caricaturada que se tem dos Bakongos em Angola, por outra a música, traz a narrativa da aceitação e o orgulho em ser mukongo. Link da música: <https://youtu.be/DtIC98HSBQA>

³ Patrício Batskama, é um historiador Angolano especialista em História da Arte, filosofia e Antropologia. Autor do “Livro Origens do Reino do Kongo” O autor do livro conversou sobre a história do reino kongo na entrevista com a TV BUC- Rio link: <https://youtu.be/VmI2WpXtAss>

madeira no território nacional e tem a floresta do Mayombe como a maior floresta de Angola. Cabinda possui também petróleo que sustenta a maior parte da economia Angolana (CANGA E BUZA, 2011, P.23).



Dotados de uma vasta diversidade cultural, os Bakongos possuem uma gastronomia rica, com diversos pratos feitos da sua cozinha, como o feijão de óleo de palma, o funge de bombó, fumbua, sacamadesso (feijão misto com Kizaca ou folha de macaxeira), macayabo, catato, a farinha musseque e muito mais.



Funge



Sacamadesso



Catato

Fonte das imagens: Google

Os Bakongo têm como sua língua o Kicongo, que possui algumas variações linguística de acordo ao seu local. O kicongo falado em Cabinda tem algumas alterações em relação ao kicongo falado no Zaire e no Uíge.

Segundo Fernandes (2021)

Quanto a tonalidade, o Aumento é uma vogal com tom baixo, apresenta uma forma estrutural com três variantes: o- (òse= pai), e- (èmpánge= irmão), a19- (àmávimpí = saúde) (DIARRA, 1990). A variante o- é usada por falantes da província do Zaire, e a variante e-, falantes da província do Uíge, ambas localizadas no norte de Angola. (FERNANDES, 2021, p. 54 e 55)

A gramática da língua Bantu, tem as suas variantes vogais implementada de forma diferente na construção de uma frase, ou seja, com a implementação das vogais no princípio da frase o som é diferenciado para os falantes das respetivas províncias.

Segundo Teca (2015, p.93), “os Bakongos são um grupo étnico-linguístico que mantém viva a sua identidade cultural, tradição e tem a língua e a palavra como um dos elementos de união e emancipação entre os membros do grupo étnico”. Um dos pontos que caracteriza os Bakongos, são os nomes, que acarretam uma espécie de símbolos identitários. Que para os Bakongos, o nome faz parte da sua tradição oral, sendo que para Ndombele e Afonso (2021, p. 103), “ao atribuímos nomes temos que considerar em primeiro lugar, refletir os padrões de cada povo ou cultura, visto que para os Africanos o nome é a representatividade da identidade e da cultura de um povo”.

De acordo com Ndombele e Afonso (2021), “tem se observado nos últimos tempos o desaparecimento da identidade cultural e que o mesmo desaparecimento é frequente principalmente na camada juvenil.”

De acordo com Ndombele e Afonso (2021) :

Em muitos aspectos, os conceitos foram transformados pela ideologia colonial para não só justificar e legitimar a presença exploradora e dominadora europeia em África, mas para fazer do africano, “o negro” um ser inferior que não tinha uma língua, que não era membro de um grupo sociolinguístico, que não era civilizado, que não tinha uma cultura, que não tinha o nome e tudo quanto tinha, foi qualificado de tradicional e atrasado, e deveria ser combatido para desaparecer, o nome também não foi poupado. É que hoje em dia encontramos africanos particularmente a apoiar esta ideologia colonial, desprezando a sua cultura, a sua tradição e as suas origens.(NDOMBELE e AFONSO, 2021, p. 106)

Como vimos a cima a implementação dos nomes europeus (Portugueses), foi marcado durante a era colonial no território dos Bakongos e tem se repercutindo até nos dias atuais , sendo que muitos dos nomes foram substituídos com nomes portugueses, assim, Ndombele e Afonso observam que:

Ao longo da nossa historia isto é na era colonial os seus nomes que representavam as nossas culturas e identidades foram substituídos por outros que não tem a ver com as nossas origens, a titulo de exemplo são os nomes dos reis: NZINGA-A-NKUVU, depois de batizado em 1491, na sua capital de MBANZA KONGO tendo adoptado o nome de D. João I do Kongo, a rainha NJINA MBANDE de que também foi solenemente baptizada na Sé de Luanda, tendo como padrinho o governador João Coreia de Sousa e como madrinha D. Ana, esposa do governador.(NDOMBELE e AFONSO, 2021, p. 106)

No entanto, nomes como João, Maria, Antonio dentre outros, são comuns nos Bakongos em dias atuais. Destacar também que a implementação dos nomes não foi o único elemento que os portugueses substituíram na cultura Bakongo, o mesmo aconteceu com as religiões e a divisão dos territórios.

5.2 Breve história dos bakongos

Antes da chegada do português no território Angolano em 1483 liderado pelo Diogo Cão, os Bakongos eram um povo unificado territorialmente, classificado como “Reino do Congo” e tinha como a sua capital o N’Banza Congo.

Quando Diogo Cão chegou à foz do rio Zaire em 1483 e contactou pela primeira vez o mani Nsoyo, chefe da localidade na qual aportara, o Congo era um reino forte e estruturado, cuja chefia máxima cabia ao Mani Congo. Formado por grupos de etnia banto, especialmente os bakongo, abrangia grande extensão da África Centro-Occidental e se compunha de diversas províncias. Algumas delas, como as de Nsoyo, Mbata, Wandu e Nkusu, eram administradas por membros de uma nobreza local que assumiam os cargos de chefia há gerações, sendo o controle político mantido por uma mesma linhagem, enraizada no local. Outras províncias eram administradas por chefes escolhidos pelo rei dentre a nobreza que o cercava na capital .(VAINFAS E SOUZA, 1998,p. 2)

Conforme apontam os autores acima mencionados, o reino do Kongo, antes da chegada dos portugueses, era representado por uma chefia que era o Manicongo⁴, cujo mesmo tinha o poder máximo sobre as terras. Na época o reino kongo era administrado

⁴ Segundo ZAU (2002, p. 41) Manicongo, era o título mais importante do antigo reino do kongo, a expressão mani era proveniente do Kibumdu e não do quicongo. A palavra era usada para se dirigir aos chefes de uma região, que representavam sinônimo de realeza, “soberano”, “imperador” ...

politicamente, economicamente e geograficamente obedecendo uma lógica endógena de governação.

Após a chegada dos Europeus em África, propriamente no reino do Kongo, os Bakongos foram escravizados. A escravidão despovoou regiões inteiras do continente Africano, levando os povos originários do continente para continentes outros, como são os casos dos continentes Europeu e Americano.

Para Zengo e Sabonte(2010):

[...]A repartição do continente africano em colônias desconsiderou os territórios estabelecidos pelos povos africanos existentes nesse espaço. Com a imposição das novas fronteiras, essas coletividades tiveram seus territórios tradicionais divididos. O Império Lunda e Bakongo, por exemplo, foi repartido entre Angola e o Congo; os povos Herero e Ambó foram divididos entre Angola e Namíbia e os Khoisan, que dominavam um vasto território, foram repartidos entre Angola, Namíbia e Botswana. (ZENGO E SABONTE, 2010, p.32)

Por meio da divisão do território dos Bakongos e de pessoas negras pertencente ao território kongo levados à força para outra parte do mundo pela colônia portuguesa, marcou-se o início da escravidão no continente africano.

Com a chegada dos portugueses no antigo reino do Kongo, na fase inicial estabeleceu-se trocas de mercadorias (permuta) entre os Portugueses e os Bakongos que posteriormente se estendeu para o tráfico de negreiros e resultou na escravidão. “A zona do Congo-Angola, foi uma das mais afetadas neste processo sendo que foi a que mais foi retirada a força pessoas negras africanos para américa, o Brasil foi o país mais beneficiado” (VAINFAS E SOUZA, 1998, p. 1 e 2).

Como vimos acima o Brasil, foi o campo beneficiado que recebeu os africanos escravizados provenientes do Congo e Angola e que o mesmo processo se estendeu para diferentes partes do mundo.

Os negros retirados de África para o “novo mundo” eram forçados a trabalharem em plantações de cana-de-açúcar, recolha de algodão e em casa de pessoas brancas.

5.3- Dispersão geográfica dos Bakongos

Como já mencionado a cima, o grupo etnico Bakongo está situado em diferentes províncias de Angola e no Congo. Predominantemente, os Bakongos vivem na parte

norte do território angolano, em três províncias: Cabinda, Zaire e Uíge. Sendo que cada província possui a sua descrição história e geográfica mencionada a baixo. São grupos étnicos proveniente do mesmo cordão umbilical mas com o passar do tempo sentiram-se obrigados a se instalarem em diferentes pontos do território angolano, que influenciou na maneira de pensar e de agir.

A parte norte, tem sido a zona menos olhada pelo governo angolano, sendo que as províncias de Cabinda, Zaire e Uíge têm a infraestrutura debilitada e carecem de mais políticas públicas como: hospitais, escolas, centralidades, parques de diversão, campos de jogos entre outros, visto que a parte de Angola que mais possui os maiores recursos naturais e minerais que o país tem.

5.4- Cabinda

Menciono Cabinda, primeiramente por se tratar de uma província que está mais afastada do mapa de Angola, em seguida serão apresentadas as demais provinciais numa ordem decrescente a fim de dar sequência nas citações das províncias. Desta forma, a província do Zaire que se encontra mais perto de Cabinda geograficamente será a próxima a ser apresentada e, por último, a província do Uíge.

Cabinda, é a província que está mais a norte da República de Angola. Segundo Castro e Fidalgo (2011) apud José Mussunda (2021, p.5 e 6),” Cabinda faz fronteira ao norte com a República do Congo, ao sul com a República Democrática do Congo e ao oeste é com o Oceano Atlântico, possui uma extensão territorial de 7.680 km², com a população cerca de 500 mil habitantes, a língua é kibinda que é um dos dialetos do kikongo.”

Segundo Mangovo (2012) apud Mussunda (2021, p. 6), “a província de Cabinda está constituída por 4 municípios que marcaram geograficamente a sua divisão territorial, tais como : Cabinda, Cacongo, Belize e Buca-Zau.”

Cabinda, é a província que mais está afastada geograficamente no mapa angolano, não tendo ligação física com nenhuma província de Angola.(AGUSTINHO, 2003, p.41). Tem criado um clima de tensão e conflito entre os cabindianos e o governo angolano, sendo que Cabinda por conta dos problemas políticos e falta de atenção, pede independência para o seu território, sendo que os mesmos conseguiram se manter tendo

em conta a riqueza petrolífera em seu território, que sustenta a maior parte da economia em Angola. (AGUSTINHO, 2003, p. 41).

Sendo que Cabinda, não está ligada fisicamente com outras províncias de Angola, torna ela a a única província em todo o território nacional que não se viaja com automóveis, apenas com voo.

Como já mencionado a cima a província, possui inúmeros recursos florestas destaco a floresta do mayombe. A província destaca-se na área da agricultura, sendo que é o maior produtor de palmeiras (óleo de palma ou de dendé).

5.5- Zaire

A província do Zaire, está situada também na parte norte de Angola, está ligada geograficamente com a província do Uíge. “De acordo com a divisão política e administrativa e os últimos resultados do Censo 2014, a província do Zaire é constituída por 6 municípios, 25 comunas, 81 bairros em áreas urbanas e 720 aldeias em áreas rurais.”(JOÃO ,2020 ,p.35). Segundo João(2020) “a privincia faz fronteira com a República Democrática do Congo e no oceano atlântico.”

Segundo João (2020), “a província tem como sua capital a cidade de Mbaza Kongo⁵, sendo que os 6 municípios citados destacam-se : Soyo, Mbanza Kongo, Nzeto, Tomboco, Cuimba e Nóqui. Com uma extensão territorial de 40. 130 km² , com uma população estimada 534.087 habitantes tendo como língua o kikongo.”

Segundo João (2020, p. 35 e 36), “o Zaire, possui também diversos recursos naturais e minerais que sustentam o seu território e Angola, produtos estes como: petróleo, cobre, fosfato, chumbe, dentre outros a pesca, agricultura e artesanal são praticas feita pela população”.

Zaire, é uma província histórica tendo em conta que foi apartir do seu território que os portugueses chegaram no território angolano propriamente na foz do rio Zaire.⁶

5.6 Uige

⁵ Mbaza Kongo, é considerado como um dos patrimônios mundiais, elegidos pela Organização Das Nações Unidas Para a Educação, Ciência e a cultura (UNESCO).

⁶ Rio Zaire é o rio, que liga a província do Zaire para a República Democrática do Congo.

Por fim temos a província do Uíge como um dos principais território a ser habitado pelos Bakongos. De acordo com Ndombele(2017), Uíge, é uma das 18 províncias de Angola situada na parte norte, tem como a sua capital Uíge, faz fronteira dentro do território nacional com a província do Cuanza norte. Sendo que geograficamente está dividida em 16 municípios e 31 comunas.

Ainda de acordo com Ndombele (2017, p. 38), “a província do Uíge tem como sua língua o kikongo”.

5.7 A imagem caricaturada dos Bakongos em Angola

Após a retirada dos portugueses do território Angolano, o povo Bakongo, foi se consolidando em seu território, mais com o surgimento da guerra de libertação, uma boa parte dos Bakongos, foi obrigado a se instalar na República democrática do Congo e no congo Brazaville e voltaram para Angola após a guerra civil, sendo que no território angolano os Bakongos, se instalaram maioritariamente em Luanda a procura de paz e de melhores condições de vida.

Por conta do historial e dos deslocamentos do povo Bakongo, em Angola, os Bakongos são tidos como “longas”, que é um nome pejorativo associado ao povo da República Democrática do Congo.

Segundo Pereira (2008), “os Angolanos de sotaque diferenciado como os “regressados”, tinham a sua nacionalidade duvidosa foram denominados como “Zairenses” pelos luandenses.”

Por um outro lado Caldas (2019), “afirma que os regressados para Angola, recebem o estigma de estrangeiro, vindo da fala maioritariamente da população de Luanda, que é o que mais reproduzem a imagem pejorativa dos Bakongos.” O sotaque diferenciado muitas das vezes acaba sendo motivo de insultos e de discriminação na vivência daquela região.

De acordo com Caldas (2019) :

Grupos que veem em dificuldade de integração nacional. São pegos em meio disputa circunscritas em critérios, que para eles não fazem sentido. No caso dos Bakongos sua associação aos estrangeiros do Zaire, os

coloca em condições de tensão com a população luandense (CALDAS, 2019, p.10).

Por vezes os insultos são mais no sentido de brincadeira mais que não deixa de ser ofensivo e pejorativo para quem escuta.

Para Pereira (2008) :

René Pélissier, um dos mais importantes historiadores de Angola, classificou de “etno-nacionalismo” as formações políticas sob lideranças bakongo (1978: 259). Afinal, a UPNA (depois chamada UPA, União das Populações de Angola, em 1958, e transformada em FNLA, Frente Nacional de Libertação de Angola, em 1962) não era o único movimento de independência bakongo. Diversos outros movimentos foram criados, todos eles no Congo Belga, por lideranças lá exiladas. Estes movimentos inicialmente nasceram como associações de ajuda mútua que, com a legalização dos partidos políticos no Congo Belga e depois com sua independência, se transformaram em partidos políticos no exílio, como a NTOBAKO, partido angolano ligado à ABAKO, e Ngwizako, o partido realista kongo (PEREIRA, 2008, p.31).

O grupo étnico Bakongo tem a sua imagem associada a feitiçaria dentro do território Angolano, sendo um grupo étnico que sempre procurou manter viva a sua cultura e tradição enfrenta uma luta de aceitação dentro do seu território. Por conta disso o grupo étnico Bakongo, é tido como o “outro”, termo que em antropologia alude, quase sempre, um processo de desumanização e negação, a partir de culturas hegemônicas ou espaços de produção de epistemes universais, como corpos, coletividades e indivíduos inferiores, sem história e não sujeitos cognoscentes (COSSA, 2014).

Angola tem registado casos do gênero desde o ano 2000 que tem o grupo étnico Bakongo com maior número de casos de acusações, nas províncias do norte (Zaire e Uige) e como em Luanda também (PEREIRA, 2016, p.139).

Segundo Pereira (2008) afirma que:

Acusações de feitiçaria a crianças e adolescentes têm emergido recentemente em diversas partes da África, especialmente na República Democrática do Congo (RDC)². Em Angola, este fenómeno tem sido verificado particularmente entre o grupo étnico Bakongo, tornando-se uma preocupação do governo na última década, com centenas de casos reportados, principalmente nas províncias do norte do país, Uíge e Zaire, bem como nos bairros da capital, Luanda, nos quais a população residente é de origem Bakongo (PEREIRA,2008 , p. 30)

As acusações são mais direcionadas para crianças e adolescentes que apresentam comportamentos diferentes no seio social.

[...]Outro aspecto residiria na “desestruturação da sociedade kongo” e do seu sistema de parentesco, situação agravada pela presença das “seitas” pentecostais, especialmente as de origem congoleza, que seriam as principais disseminadoras das acusações de feitiçaria a crianças. [...] (PEREIRA, 2016, p. 142).

Ainda de acordo com Pereira (2016), as acusações às crianças acontecem geralmente no seio da família e dos vizinhos e que as acusações dentro das famílias estão ligadas em doenças, aborto, mortes e fracasso econômico entre outros.

Uma reportagem feita na províncias de Cabinda, pela Televisão Pública De Angola (TPA), apresenta algumas crianças acusadas de feiticaria pelos seus familiares, onde que na sua maioria a acusação parte dos seus próprios pais, em os mesmos levam as crianças para um centro de tratamento ou mesmo deixam elas na rua.⁷

5.8 A luta de libertação e o lugar dos Bakongos

Após a independência Angola, viu-se livre das políticas colonial e rumo a um país melhor e com novos desafios políticos, econômico e social para se reconstruir enquanto Estado. Em 1975 surgiram os conflitos internos (guerra civil) entre os três movimentos que posteriormente foram transformados em partidos, MPLA, UNITA e FNLA, que por consequência o mesmo conflito atrasou o crescimento econômico, social e político, oficialmente, a guerra civil teve o seu fim em 2002 com a morte do Dr. Jonas Malheiro Savimbi ex líder do partido UNITA⁸. (AGOSTINHO , 2011, p.41).

Os três movimentos de libertação nacional, FNLA, UNITA e MPLA, foram formados em diferentes pontos do território Angolano. “Sendo a FNLA, liderado pelo político e nacionalista Holden Roberto, teve o seu princípio de formação na parte norte de Angola propriamente no N´Banza Kongo” (PEREIRA, 2008, p. 31).

Faz-se aos conflitos marcados pelos três movimentos de libertação nacional e tendo em conta a formação de origem dos mesmos, marcou-se o surgimento da discriminação étnica, rivalidade e o tribalismo regional entre os diferentes grupos étnicos de Angola.

5.9 Origem da FNLA

⁷ A reportagem é feita em um dos municípios da província de Cabinda, segue o link da reportagem: <https://youtu.be/7JwSPOvgVkY>

⁸ A FNLA, ainda estava em guerra em outras parte do território Angolano.

FNLA que anteriormente era uma associação de Bacongos angolanos, foi formada na parte norte de Angola e tinham como líderes os pastores da igreja batista e protestante, que na altura a associação chamava-se UPNA (União Das Populações Do Norte De Angola) e tinham como objetivo inicial restaurar o reino do Congo, que na altura estava sobre o domínio de um rei católico. Com a retirada do rei católico do poder pelos portugueses a UPNA, viu-se capaz de estender o seu plano para a restauração do reino do Congo. Foi em 1958 que a UPNA já com um novo representante chamado Holden Roberto, passou a ser UPA (União Das Populações De Angola), cujo o objetivo foi voltado aos interesses de Angola e de África, como a luta pela independência. A UPA passou a olhar a população angolana como uma comunidade de destino, necessitada de uma consciência nacional que despertasse a vontade de luta pelo patriotismo nacional e pela independência de África no geral e Angola em particular. (AGOSTINHO, 2011, p. 11).

Em 1962 Holden Roberto, alinou-se ao PDA (Partido Democrático Angolano) e formaram a FNLA, na república democrática do Congo, hoje, Zaire. (AGOSTINHO, 2011, p.11 e 12).

Assim sendo a FNLA, foi um movimento de origem Bakongo, que tem a maior parte dos seus políticos, militante e simpatizantes oriundos da parte norte de Angola. Diferente do MPLA criada em 10 de novembro de 1956, que teve a sua origem em Luanda por pessoas, que já possuíam um estatuto de assimilados. (AGOSTINHO, 2011, p.12). A UNITA, na época liderada pelo Jonas Malheiro Savimbi, foi criada em 1966. Tinha a sua formação de origem na parte sul do país, propriamente na província do Moxico. O MPLA liderado pelo seu ex Presidente Antônio Agostinho Neto, que posteriormente se tornou o primeiro presidente de Angola, foi criada em 1956 em Luanda.

Após a morte do Savimbi, na data alhures mencionada, houve o calar das armas e o país viu-se em um novo rumo, novas políticas de transformação social. Rumo este ditado pelo partido no poder, MPLA.

6 METODOLOGIA

DAL-FARRA e LOPES(2013) , salientam que “para se associar aos metodos, o pesquisador deve estar ciente de que é possível ocorrer pronuncia de turbidez, levando os pesquisadores a realizarem suas metodologias de acordo as analises registadas na coleta dos seus dados. “

A elaboração do nosso projeto é caracterizado ou composto por um estudo metodológico que permitiu construir o trabalho com mais engajamento, sendo que para Prodanov e Freitas olham que :

A metodologia é compreendida como uma disciplina que consiste em estudar, compreender e avaliar os vários métodos disponíveis para realização de uma pesquisa acadêmica. A metodologia, em um nível aplicado, examina, descreve e avalia métodos e técnicas de pesquisa que possibilitam a coleta e o processamento de informações, visando ao encaminhamento e a resolução de problemas e / ou questões de investigação. (PRODANOV e FREITAS, 2013, p.14).

Por outra Prodanov e Freitas (2013), afirmam que para se entender características de uma pesquisa científica e métodos é necessário compreender o que é ciência. Sendo que os estudos de cada pesquisador é baseado em uma pesquisa científica. Prodanov e Freitas (2013), definem ciência como: “Etimologicamente, o termo ciência provém do verbo em latim Scire, que significa aprender, conhecer” (PRODANOV e FREITAS, 2013, p.14).

Portanto, o nosso projeto apresenta, a utilização do método qualitativo, segundo Neves (1996) a pesquisa qualitativa, “assume formas diferentes nos estudos das ciências sociais e por outra, ela procura compreender as diferentes técnicas interpretativas para descrever e a decodificar o complexo de significados”. Com os procedimentos destacados optamos em utilizar a técnica de revisão bibliográfica e documental, sendo que a revisão bibliográfica e documental são de caráter importante no nosso projeto. Para Gil (2002) “a pesquisa bibliográfica, ela é desenvolvida na análise e na revisão de materiais acadêmicos já elaborados, constituídos principalmente de artigos acadêmicos, livros, ensaios” e por diante, ainda no seio da ideia Gil (2002), “afirma que a maior parte dos trabalhos exploratórios podem ser definidas como pesquisas bibliográficas.

A pesquisa bibliográfica, ela permite com que o investigador consegue obter dados fora do seu campo de estudo por meio dos materiais coletados.

De acordo com Gil (2002):

A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômeno muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Essa vantagem torna-se particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço. Por exemplo, seria impossível a um investigador percorrer todo o território brasileiro em busca de dados sobre a população ou renda per capita; todavia, se tem

a sua disposição uma bibliografia adequada, não terá maiores obstáculos para contar com as informações requeridas. A pesquisa bibliográfica também é indispensável nos estudos históricos. Em muitas situações, não há outra maneira de conhecer os fatos passados se não com base dados bibliográficos. (Gil, 2002, p. 45).

Visto que a pesquisa documental para o Gil (2002), ela assemelha-se a pesquisa bibliográfica, em que a sua diferença está na natureza das fontes : a pesquisa bibliográfica ela utiliza-se a partir das contribuições de diversos autores sobre determinado assunto e a pesquisa documental vala-se de um material que ainda não recebeu um tratamento analítico, ou que ainda pode ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa.

Gil afirma que :

A pesquisa documental apresenta uma série de vantagens. Primeiramente, há que se considerar que os documentos constituem fonte rica e estável de dados. Como os documentos subsistem ao longo do tempo, tornam-se a mais importante fonte de dados em qualquer pesquisa de natureza histórica. (Gil, 2002, p.46).

Por se tratar de um projeto acadêmico, pretendemos futuramente desenvolver a nossa pesquisa no estudo de campo, com a implementação de entrevistas semiestrutura para os entrevistados. “A entrevista ela é um processo de interação social, no qual o entrevistador tem a finalidade de obter informações do entrevistado, através de um roteiro contendo tópicos em torno de uma problemática centrada.” (HAGUETTE, 1995 apud LIMA, ALMEIDA e LIMA, 1999, p. 133).

Segundo Oliveira (2011, p. 36), “as entrevistas semiestruturadas, elas podem ser definidas como uma lista das informações que se deseja de cada entrevistado, mas a forma de perguntar (a estrutura da pergunta) e a ordem em que as questões são feitas irão variar de acordo com as características de cada entrevistado”. Ainda de acordo com Oliveira (2011), as entrevistas semi-estruturadas baseam-se em um roteiro constituído de perguntas abertas. É a partir dos questionamento feito pelo entrevistador para o entrevistado que vai se constituindo as informações necessárias para a pesquisa.

8- REFERENCIAIS

AGOSTINHO, Feliciano Paulo. **Guerra em Angola: As heranças da luta de libertação e a Guerra Civil**. 2011. Tese de Doutorado.

ANTÓNIO, Ilídio Manuel. **Impulsionamento das Micro, Pequenas e Médias Empresas de Turismo em Angola: diagnóstico do sector e consequências da Pandemia COVID 19**. 2022. f Tese (Doutorado).

CALDAS, Rafael Andrade. Os desdobramentos dos conflitos na Angola: os Bakongos e seu estigma de estrangeiro. **Revista de Iniciação Científica da FFC-(Cessada)**, v. 19, n. 2, p. 3-12, 2019.6, 1998.

CANGA, Juliana Landa; BUZA, Alfredo Gabriel. Enfrentamentos e contradições nas comunidades de extracção de recursos naturais em Cabinda–Angola. **Revista de Políticas Públicas**, v. 15, n. 1, p. 21-31, 2011. CASTRO, L.; FIDALGO, S. **Angola 11 meses de cativoiro**. 1ª. ed. Alfragide, Portugal: Oficina do livro, 2011.

CASTRO, L.; FIDALGO, S. **Angola 11 meses de cativoiro**. 1ª. ed. Alfragide, Portugal: Oficina do livro, 2011.

DAL-FARRA, Rossano André; LOPES, Paulo Tadeu Campos. Métodos mistos de pesquisa em educação: pressupostos teóricos. **Nuances: estudos sobre Educação**, v. 24, n. 3, p. 67-80, 2013.

DA SILVA, Antônio Carlos Matias. Angola: história, luta de libertação, independência, guerra civil e suas consequências. **NEARI em Revista**, v. 4, n. 5, 2018.

DE OLIVEIRA, Maxwell Ferreira. Metodologia científica: um manual para a realização de pesquisas em Administração. **Universidade Federal de Goiás. Catalão–GO**, 2011.

E SILVA, Augusto Ngangula. Desenvolvimento regional em Angola: Uma caracterização sócio-econômico das regiões angolanas.. 2003

FERNANDES, Mille Caroline Rodrigues. Ancestralidade Africana na gramática formal de ensino: Reflexões sobre a influência do aumento da língua kikongo no português falado no recôncavo e baixo-sul da Bahia1. 2021

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª. ed. São Paulo: Atlas S.A, 2002.

GOMES, Carla Amado. O desafio da protecção do ambiente em Angola. **CAMPO JURÍDICO**, v. 1, n. 1, p. 13-34, 2013.

JOÃO, Francisco Kalandula. **O controle das fronteiras, como política de segurança interna na província do Zaire, Município do Soyo (Angola)**. 2020.

LIMA, Maria Alice Dias da Silva; ALMEIDA, Maria Cecília Puntel de; LIMA, Cristiane Cauduro. A utilização da observação participante e da entrevista semi-estruturada na pesquisa de enfermagem. **Revista gaúcha de enfermagem. Porto Alegre. Vol. 20, n. especial (1999), p. 130-142**, 1999.

MANGOVO, P. M. **Angola Governação Local e Estatuto Especial da Província de Cabinda**. pp. 186-187, 2012. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10437/2803>>. Acesso em: 8. Jan. 2019.

Ministério Da Educação. **Estrategia De Alfabetização E Recuperação Do Atraso Escolar**, 2006- 2015. 2005.

- NEVES, José Luis. Pesquisa qualitativa: características, usos e possibilidades. **Caderno de pesquisas em administração, São Paulo**, v. 1, n. 3, p. 1-5, 1996.
- NDOMBELE, Eduardo David. Gestão de multilíngüismo em Angola: Reflexão sobre o ensino de línguas Angolanas de origem Bantu na província do Uige. 2017.
- NDOMBELE, Eduardo David; AFONSO, Makikadila. Reflexão sobre o uso e atribuição dos nomes na cultura dos bakongo. **NJINGA e SEPÉ: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras**, v. 1, n. 1, p. 103-119, 2021.
- PAIVA, Jacyara Da Silva. A Língua instrumento que fortalece a história de um povo: O educativo nas práticas culturais. 2019.
- PEREIRA, Luena Nunes. Os Bakongo de Angola: religião, política e parentesco num bairro de Luanda. 2008.
- PEREIRA, Luena Nunes. Crianças Feitiçeras : Recofigurando Família, igreja e Estado no Pós-guerra Angolano. 2008.
- PEREIRA, Luena Nunes. Religião e parentesco entre os bakongo de Luanda. **Afro-Ásia** , n. 47, pág. 11-41, 2013.
- PEREIRA, Luena Nunes. Feitiçaria e Esfera Pública: Estado e cultura no pós-guerra Angolano. Sankofa. Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana Ano IX, NºXVI, Janeiro/2016.
- PRODONOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. **2 ed** , v. 2, 2013.
- Resultados Preliminares Do Recenseamento Geral Da População E Da Habitação De Angola 2014, disponível em : <http://www.ine.gov.ao/>
- TECA, Afonso et al. Concepção e Representação Social da Morte no Grupo Étnico Kongo. 2015.
- VAINFAS, Ronaldo; SOUZA, Marina de Mello. Catolização e poder no tempo do tráfico: o reino do Congo da conversão coroada ao movimento antoniano, séculos XV-XVIII. **Revista Tempos**, n. 1998
- ZAU, Filipe. Angola: Trilhos Para O Desenvolvimento. 2002.
- ZENGO, Antônio Zageu. Angola: diversidade étnica, políticas públicas e o desafio da unidade nacional. **O Público e o Privado**, v. 8, n. 16 jul. dez, p. 31-48, 2010.